

Futebol, ideologia e cultura de massa: repensando a perspectiva crítica

Felipe Tavares Paes Lopes

Universidade de Sorocaba. São Paulo. SP. Brasil
Contato com o autor: lopesftp@gmail.com

Resumo: Neste artigo, busco refletir sobre as consequências lógicas e sociais de algumas análises do futebol inspiradas nas perspectivas críticas de Louis Althusser, Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, a fim de abrir caminho para um enfoque mais construtivo. Para tanto, apoio-me nas análises desenvolvidas por John B. Thompson sobre as obras desses autores. Começo problematizando o papel integrador e unificador do futebol e a noção de declínio do indivíduo-torcedor. Em seguida, argumento que é preciso repensar o papel e os modos de operação da ideologia no universo do futebol, indicando a pertinência da noção de ideologia formulada por Thompson para a compreensão das relações entre sentido e dominação nesse universo específico.

Palavras-chave: Futebol. Ideologia. Cultura de massa. Dominação. Perspectiva crítica.

Abstract: This article aims to reflect on the logical and social consequences of some analysis of football inspired in the critical perspectives of Louis Althusser, Theodor W. Adorno and Max Horkheimer, in order to make way for a more constructive approach. Therefore, I refer to analysis developed by John B. Thompson on the works of these authors. I start questioning the integrative and unifying role of football and the conception of declining of individual-fan. Then, I argue that we need to rethink the role and modes of operation of ideology in the football universe, indicating the relevance of the concept of ideology formulated by Thompson for understanding the relationship between sense and domination in this particular universe.

Keywords: Football. Ideology. Mass culture. Domination. Critical perspective.



Felipe Tavares Paes Lopes

1 Introdução¹

No final do século XIX e início do século XX, observou-se o surgimento da indústria do entretenimento na Europa e nos Estados Unidos, que levou a um progressivo processo de mercantilização das formas culturais. Ao analisar a natureza e as consequências desse processo, Theodor W. Adorno utilizou o conceito de indústria cultural no seu livro “Mínima moralia”, redigido entre 1944 e 1947 e publicado em 1951. Esse conceito foi por ele aprofundado na sua “Dialética do Esclarecimento”, escrita em conjunto com Max Horkheimer e publicada em 1947 (COHN, 2012). O conceito de indústria cultural foi desenvolvido por esses autores “[...] para tentar compreender as condições de produção e reprodução social em uma de suas faces mais importantes, relacionadas à mercadorização da cultura – sua banalização e reificação” (VAZ, 2013, p. 18). Evidentemente que, muito antes da emergência da indústria cultural, os bens culturais já eram objetos de troca constante, mas teria sido a partir da consolidação do modo de produção (e de vida) capitalista que tudo teria se transformado em mercadoria: objetos, pensamentos e sentimentos teriam se reduzido “[...] à condição de algo intercambiável pela mediação fetichista expressa pelo valor” (VAZ, 2013, p. 19).

O conceito de indústria cultural foi uma resposta crítica ao conceito de cultura de massa, que supunha que as massas eram produtoras da cultura. Na verdade,

seriam as formas altamente organizadas de produção cultural naquela fase do capitalismo que gerariam não apenas as formas culturais mais difundidas, como igualmente contribuiriam de modo decisivo na constituição das próprias massas, agora vistas não como produtoras, mas estritamente como consumidoras de itens culturais (COHN, 2008, p. 66).

Embora elaborado há mais de meio século por um intelectual exilado da Alemanha e impactado por uma série de trágicos episódios da primeira metade do século XX – como a supressão dos levantes revolucionários na Europa, as Guerras Mundiais, o desenvolvimento do stalinismo na União Soviética e o surgimento do fascismo na Alemanha (THOMPSON, 2000) –, é possível retirar proveito do conceito de indústria cultural para pensar o atual processo de produção, transmissão e recepção/consumo do espetáculo futebolístico. Não,

¹ Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) pelo auxílio à pesquisa aqui apresentada.



Futebol, ideologia e cultura de massa: repensando a perspectiva crítica

evidentemente, para concluir o óbvio: que esse espetáculo está submetido às exigências da lógica do mercado, mas para analisar os múltiplos modos como isso se dá (COHN, 2008).

A mercantilização do futebol intensificou-se na segunda metade do século XX (MARQUES, 2011) e tende, na visão de seus críticos, a atrofiar a capacidade do(as) torcedores(as)² de pensar e agir de forma crítica e autônoma. A própria disposição psicofisiológica destes para consumir o futebol já seria uma forma de garantir a reprodução da dominação de classe no chamado “tempo livre”, ou seja, de solidificar a lógica da exploração e do esgotamento “[...] também extramuros da fábrica, da sala de aula, do escritório, do computador portátil transladado a qualquer tempo e lugar” (VAZ, 2013, p. 19). Afinal, o consumo do futebol faria com que os torcedores esquecessem que o trabalho, nas sociedades contemporâneas, alimenta a referida lógica. Mais ainda, faria com que eles chegassem até mesmo a celebrar o sofrimento provocado pelo trabalho, adaptando-se às engrenagens do capitalismo. Exemplos disto seriam a sua excitação pelos acidentes, pelas jogadas violentas e pelo sacrifício extremado dos atletas.

Não à toa,

se para Adorno a prática esportiva ainda poderia deter algum momento de autonomia, do consumo do espetáculo nada se poderia esperar a não ser o caráter aterrador do tempo livre como disciplina, da continuidade da lógica do trabalho, da repetição, da diversão como justificadora do sofrimento (VAZ, 2013, p. 22).

Considerado usualmente como sendo demasiadamente sombrio e pessimista, esse olhar de Adorno sobre o esporte influenciou fortemente a produção científica nacional, tendo sido predominante até a década de 1980. Leituras inspiradas na obra de autores como Louis Althusser também davam a tônica no período, quando o futebol era considerado uma variante do “ópio do povo” e compreendido através de duas noções-chave relacionadas: alienação e controle dos trabalhadores. O futebol também era entendido como “[...] o lugar de formação de hábitos disciplinares funcionais para a produção da grande indústria ou, de modo geral, da indústria capitalista” (LOVISOLO, 2011, p. 11). Em outras palavras, entendia-se que o futebol tinha uma função ideológica de garantir a reprodução da dominação de classe.

² A partir daqui, a fim de aliviar o corpo do texto, abandonarei a fórmula “o(a)” e passarei a adotar o genérico masculino.



Felipe Tavares Paes Lopes

Um exemplo desse tipo de interpretação é aquele apresentado por Roberto Ramos no seu livro “Futebol: ideologia do poder”, de 1984. Amparando-se na obra de Althusser, o autor defende a tese de que o futebol é um aparelho ideológico de Estado, mistificando a realidade e legitimando o capitalismo. Como destaca Ronaldo Helal (2011, p. 15), o futebol, na perspectiva de Ramos, contribui “[...] para a perpetuação do regime, desestabilizando as ‘contradições do capitalismo’, impedindo a consciência crítica e ‘docilizando’ as massas. Assim, junto com os meios de comunicação, seria um desses aparelhos ideológicos mais eficazes do poder”. Seguindo essa linha de raciocínio, Aldo Antônio de Azevedo (2003, p. 8) argumenta que o futebol, através da valorização dos grandes jogadores, cria a ilusão “[...] de que todos aqueles oriundos das classes baixas e da periferia das grandes cidades alcançarão a ascensão na hierarquia social e receberão altos salários na profissão”.

De acordo com Hugo Lovisoló (2011, p. 12), na formulação desse tipo de interpretação, o interprete só pode se situar de forma distanciada em relação ao futebol, uma vez que seria uma contradição amá-lo e, ao mesmo tempo, denunciar seu caráter alienante. Não à toa, os defensores da tese do “ópio do povo” defendem que é preciso ter uma percepção e uma relação emocional com o futebol radicalmente distinta das dos seus amantes. Ainda no início dos anos 1980, essa tese foi rebatida e criticada na coletânea de textos “Universo do Futebol”, organizada pelo antropólogo Roberto da Matta (TOLEDO, 2002). Nos anos subsequentes, desenvolveu-se

uma perspectiva marcada pela antropologia e pela história, sobretudo por suas aproximações metodológicas, que pretendeu entender o fenômeno esportivo sob a perspectiva dos de dentro, dos nativos, daqueles que sentem paixão ou amor pelo esporte. Essa perspectiva desenvolveu-se e, em minha opinião, podemos afirmar que domina hoje uma interpretação quase oposta: o futebol, e de modo geral, o esporte, tornou-se o espaço de formação de identidades e de expressão do nacional ou do regional, de participação e pertencimento, de emoção e prazer, de recreação, criação e imaginação (LOVISOLÓ, 2011, p. 14).

Sem deixar de reconhecer o avanço produzido por esta última perspectiva, considero fundamental – como fizeram os teóricos anteriores, vinculados àquela que chamarei de “perspectiva crítica” – enfatizar a importância da análise das relações de dominação no processo de produção, transmissão e recepção/consumo do espetáculo futebolístico. Afinal, tal análise pode possibilitar que os grupos dominados vejam a si mesmos de um modo diferente e questionem as estruturas de dominação que os subjagam. Aqui, todavia, é preciso esclarecer



Futebol, ideologia e cultura de massa: repensando a perspectiva crítica

que não estou reduzindo a perspectiva crítica apenas àquelas produções sobre futebol inspiradas na chamada “Escola de Frankfurt”, que tiveram como alguns de seus maiores representantes Adorno e Horkheimer. Na verdade, utilizo esse termo para me referir a todas as produções que buscaram compreender, acima de tudo, a relação dinâmica entre dominação e futebol. Assim, dando continuidade e aprofundando trabalho anterior (LOPES, 2014), neste artigo, retomei algumas dessas compreensões e discuti suas consequências lógicas e sociais, a fim de abrir caminho para um enfoque mais construtivo.

Para tanto, recorri à obra de John B. Thompson – especialmente ao livro “Ideologia e Cultura Moderna”, publicado pela primeira vez em 1990. Embora Thompson não tenha se debruçado sobre a temática específica do futebol, considero seu diálogo com Adorno, Horkheimer e Althusser iluminador, trazendo contribuições significativas para a compreensão de como relações de dominação dos mais diversos tipos (classe, raça, gênero, idade, nacionalidade etc.) são estabelecidas e sustentadas no processo de produção, transmissão e recepção/consumo do espetáculo futebolístico. A fim de ilustrar e fundamentar os argumentos desenvolvidos ao longo do texto, examinei alguns exemplos concretos retirados de uma pesquisa mais ampla sobre o movimento de resistência ao chamado “futebol moderno”. Desde o início de 2016, tenho ido a diversos jogos de futebol e a protestos de torcidas, acompanhando *in loco* o comportamento de torcedores do Corinthians e do Juventus³. Neste período, conversei com alguns desses torcedores e fiz uma série de observações, que foram registradas em um diário de campo.

2 Repensando o papel integrador e unificador do futebol

Uma das principais críticas feitas por Thompson (2000) às obras de Althusser, Adorno e Horkheimer diz respeito ao fato de, na sua perspectiva, tais autores terem exagerado no caráter integrado e unificado das sociedades contemporâneas, que seriam “cimentadas” pela ideologia. Tomemos o caso específico do Althusser. Este apareceu com ímpeto no cenário intelectual em meados dos anos 1960 e sacudiu o debate teórico em torno da obra de Karl Marx, propondo uma leitura original. Nela, o autor reconhece o peso não apenas dos

³ Tradicional clube paulistano do bairro da Mooca. Sua torcida é conhecida por protestar contra o “futebol moderno”.



Felipe Tavares Paes Lopes

aparelhos repressivos de Estado – o governo, a administração pública, o exército, a polícia, os tribunais, os presídios etc. –, mas também dos ideológicos – a Igreja, a família, a escola, os sindicatos, a imprensa, o esporte etc. – na reprodução das relações de produção existentes.

Segundo Althusser (2013), diferentemente dos aparelhos repressivos, os ideológicos funcionam, maciça e predominantemente, à base da ideologia, e não da repressão. Assim, o que unificaria a diversidade de instituições interligadas por esse conceito seria justamente o seu modo de funcionamento, “[...] na medida em que a ideologia pela qual funcionam é sempre efetivamente unificada, a despeito de sua diversidade e suas contradições, *sob a ideologia dominante*, que é a ideologia da ‘classe dominante’” (p. 116, grifo do autor). Ocorre que a classe dominante não conseguiria ditar as leis nos aparelhos ideológicos com a mesma facilidade com que ditaria nos repressivos.

Não só porque as antigas classes dominantes neles conseguem preservar posições de força durante muito tempo, mas também porque a resistência das classes exploradas é capaz de encontrar meios e oportunidades de se expressar ali, seja utilizando as contradições que ali existem, seja pela conquista de posições de combates dentro deles, na luta (ALTHUSSER, 2013, p. 117).

De todos os modos, conforme observa Thompson (2000), os aparelhos ideológicos de Estado continuam sendo essencialmente mecanismos para a difusão da ideologia dominante, garantindo a coesão e a reprodução da ordem social baseada na exploração de classe. Nas suas palavras, “[...] outros elementos ideológicos podem estar presentes dentro desses aparelhos ideológicos, mas o campo ideológico é estruturado em favor da ideologia da classe dominante, a qual exerce controle sobre os aparelhos ideológicos do estado” (p. 124). Diante disto, ainda que possa ser interpretado como o espaço de formas encarniçadas de luta de classes, o futebol continuaria sendo, seguindo essa linha de raciocínio, um elemento unificador da sociedade, independente das diferenças e divisões que possam separar seus integrantes. Essa unificação, todavia, não estaria a serviço da criação de novas identidades e formas de socialização emancipatórias, mas sim da dominação de classe.

A análise de Ramos (1984) ilustra bem esse tipo de interpretação. Escreve o autor:

o futebol fabrica toda uma idealização do real. Os burgueses e torcedores são convertidos em torcedores. Significa uma falsa conciliação de classes dentro de condições irreais. A hierarquia e os papéis sociais são desativados. A injustiça social ganha outra dimensão. Sobrevive nos estereótipos, que relacionam os torcedores e os clubes, e nas diferentes acomodações dos estádios (p. 105).



Futebol, ideologia e cultura de massa: repensando a perspectiva crítica

Segundo Thompson (2000), ainda que apresentem uma série de diferenças conceituais significativas em relação ao pensamento de Althusser, as análises de Adorno e Horkheimer tendem igualmente a sobre-estimar o poder unificador da ideologia nas sociedades contemporâneas. Para compreender melhor essas análises, é preciso, todavia, não perder de vista a explicação geral da lógica do iluminismo e da dominação que serviu de pano de fundo para sua formulação. Com o desenvolvimento do conhecimento científico, as crenças místicas teriam sido progressivamente eliminadas a favor de uma razão instrumental e os seres humanos teriam se submetidos, cada vez mais, ao controle técnico, tornando-se parte de um mundo reificado, que os subordinaria à lógica da dominação, que seria reforçada pela mercantilização da força de trabalho no capitalismo.

A natureza humana, todavia, teria resistido à dominação total, rebelando-se

[...] contra os processos de reificação, racionalização e burocratização característicos do mundo moderno. É essa rebelião quase intuitiva que é tomada e explorada pelo fascismo. Os líderes fascistas empregaram uma variedade de técnicas cuidadosamente construídas para canalizar a ira reprimida e a ansiedade das massas. Eles mobilizaram os sentimentos irracionais, dirigindo-os, através de ataques histéricos, contra grupos discriminados, e transformando-os num mecanismo para a dominação dos próprios indivíduos cuja rebelião, como que provinda dos instintos, era fonte do sucesso dos fascistas (THOMPSON, 2000, p. 131).

A partir dessa explicação, Adorno e Horkheimer (2011) se propuseram, então, a analisar a natureza e as consequências da indústria cultural. De acordo com eles, esta indústria produz bens culturais de acordo com os objetivos da acumulação capitalista. Tais bens não seriam produzidos, portanto, espontaneamente pelas massas, mas seriam planejados para o seu consumo. Por isto, seriam altamente padronizados, estereotipados e vazios de conteúdo crítico. Não à toa, os autores observam que “a civilização atual a tudo confere um ar de semelhança” (p. 183). Os milhares de *reality shows* que passam tanto na televisão aberta quanto na fechada são ilustrativos. Mudam-se os participantes, o apresentador, o cenário e a temática. Mas, essencialmente, trata-se de programas muito semelhantes, ainda que tentem demonstrar um ar de individualidade. Os outros programas disponíveis tampouco parecem apresentar traços de originalidade. Suas diferenças objetivas são ínfimas, dando a impressão de que não passam de pura repetição.

De acordo com Adorno e Horkheimer (2011, p. 187),



Felipe Tavares Paes Lopes

mesmo os meios técnicos tendem a uma crescente uniformidade recíproca. A televisão tende a uma síntese do rádio e do cinema, retardada enquanto os interessados ainda não tenham conseguido um acordo satisfatório, mas cujas possibilidades ilimitadas prometem intensificar a tal ponto o empobrecimento dos materiais estéticos que a identidade apenas ligeiramente mascarada de todos os produtos da indústria cultural já amanhã poderá triunfar abertamente.

Assim, ao promover o consumo massivo de bens padronizados, a indústria cultural praticamente eliminaria a racionalidade, a imaginação e a sensibilidade individual (LALLEMENT, 2008). Tais produtos não divergiriam ou desafiariam o *status quo*, mas, ao contrário, o reafirmariam e censurariam toda ação que dele pudesse se desviar, suprimindo a possibilidade de crítica. Para tanto, apresentar-se-iam como o reflexo direto, ou a reprodução, da realidade social. Assim, diferentemente das formas anteriores de ideologia, a propaganda pela indústria cultural não afirmaria ser independente dessa realidade, mas parte dela. Nas palavras de Thompson (2000, p. 138), essa ideologia não seria

tanto uma doutrina claramente articulada que se coloca acima do mundo social e que o obscurece, deixando suas instituições isoladas e tranquilas; ao contrário, é essa característica de objetos culturais produzidos massivamente que a transforma num “cimento social”.

Seguindo essa linha de raciocínio, poderíamos afirmar que o próprio desejo de consumir futebol e o prazer que esse consumo provoca seria uma forma de prender as pessoas numa ordem social que as oprime, pois canalizaria sua energia para uma prática criada para o entretenimento e gratificação imediata. Como afirma Valter Bracht (2011), o intensivo engajamento emocional dos torcedores no futebol provoca um desinteresse político. O interesse nas tabelas dos campeonatos, nos ídolos do clube, na contratação de novos craques, nos gols da rodada e em outros assuntos relacionados ao futebol impediria, assim, a formação da consciência política. Na sua frase lapidar (p. 38): “todo gol comemorado no esporte é um gol contra a classe trabalhadora”.

Sem sombra de dúvida, existem diversos exemplos de episódios em que o futebol operou interligando classes e grupos sociais opostos, abafando as tensões e contradições existentes entre eles e ajudando a garantir a reprodução de uma estrutura social profundamente injusta e opressora. Talvez, um dos exemplos mais emblemáticos e analisados pela literatura especializada tenha sido o da Copa do Mundo de 1970, utilizada pela ditadura



Futebol, ideologia e cultura de massa: repensando a perspectiva crítica

civil-militar para, ao mesmo tempo, unificar o povo brasileiro numa identidade coletiva, independentemente das divisões e diferenças que pudessem separá-lo, e focar sua atenção num megaevento esportivo, enquanto ela censurava, torturava e assassinava todos aqueles tidos como inimigos do regime, violando sistematicamente direitos fundamentais.

Embora o futebol possa efetivamente ajudar a “cimentar” as relações sociais, garantindo a reprodução de uma estrutura social opressora e injusta, como acabamos de ver, não podemos perder de vista a diversidade existente dentro do universo dos torcedores e principalmente a emergência de grupos que se opõem ao modelo socialmente autorizado de consumir o espetáculo futebolístico. Como podemos explicar, por exemplo, as manifestações de grupos e associações de torcedores contra a repressão policial, a elitização e a pasteurização crescente do referido espetáculo, se o futebol possui um papel tão integrador e ajustador à ordem social vigente? Como podemos explicar, a partir da perspectiva integradora, a emergência de grupos de torcedores antifascistas em todo o mundo? Ou o protagonismo dos principais grupos ultras turcos⁴ nos protestos que sacudiram a Turquia em 2013?

Ainda que seja preciso o desenvolvimento de novas pesquisas sobre o tema, arriscaria dizer que, cada vez mais, é possível escutar o som das vozes torcedoras dissidentes. Por exemplo: desde o final de janeiro de 2016, quando foi suspensa por 60 dias por conta do uso de sinalizadores durante a final da Copa São Paulo de Futebol Júnior⁵, a torcida organizada corinthiana, os Gaviões da Fiel, tem feito, dentro e fora dos estádios, diversas manifestações contra o *status quo* do futebol, em particular, e da sociedade, em geral. Uma das mais emblemáticas ocorreu no Vale do Anhangabaú, no fim da tarde de uma sexta-feira (15/04/2016), com a presença estimada de mais de 3 mil torcedores, segundo a estimativa da própria torcida. De acordo com a sua página oficial no *Facebook* (<https://www.facebook.com/gavioesoficial>⁶), a pauta foi: denúncia à perseguição política da torcida; repúdio aos jogos de torcida única⁷; diálogo e medidas preventivas efetivas para

⁴ Grupos relativamente semelhantes às torcidas organizadas brasileiras.

⁵ Durante o período, a torcida foi impedida de entrar nos estádios com objetos que a identificassem (faixas, bandeiras e instrumentos musicais).

⁶ Acesso em: 11 mai. 2016.

⁷ Antes e depois do clássico Corinthians e Palmeiras da primeira fase do Campeonato Paulista de 2016, registrou-se uma série episódios de violência envolvendo torcedores de ambos os clubes – inclusive, em um deles, um pedestre acabou sendo morto. Após reunião com representantes do Ministério Público, da Federação Paulista de Futebol, do Poder Judiciário, da Polícia Militar e da Polícia Civil, o então secretário de Segurança



Felipe Tavares Paes Lopes

acabar com a violência; transparência nas contas do estádio do Corinthians; contra o “futebol moderno” e pelo futebol popular; preço popular dos ingressos; fim do monopólio das transmissões de jogos às 22h00; transparência na Federação Paulista de Futebol (FPF) e na Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e punição aos acusados de receber propina em fraude da merenda nas escolas e creches de São Paulo.

Cheguei à manifestação mais ou menos com uma hora de antecedência. Lentamente, os torcedores foram acercando-se e espalhando inúmeras faixas de protesto pelo vale, fixadas em árvores e postes de luz ou seguradas por eles próprios. Durante todo o evento, observei um forte engajamento dos presentes na criação de uma atmosfera de jogo: dezenas de bandeiras tremulavam no céu, sinalizadores coloriam e iluminavam a noite que chegava, coreografias harmonizavam os movimentos da massa e o som da bateria marcava o ritmo das canções e dos “gritos de guerra”. Estes eram cantados, a plenos pulmões, entre as falas das lideranças da torcida, que discursavam sobre um carro de som. Alguns desses gritos e canções eram músicas tradicionais de arquibancada; outros tantos abordavam diretamente os temas da pauta do protesto. A estratégia de mesclar discursos com canções pareceu-me interessante, pois serviu para manter a multidão atenta às falas das lideranças e, ao mesmo tempo, garantir sua efetiva participação no evento.

Diante disto, o evento não se tornou um fim em si mesmo, ou seja, sua forma não se sobrepôs ao seu conteúdo original, como já ocorrera em outras manifestações de torcedores (NUMERATO, 2014). Inclusive, ele teve desdobramentos políticos importantes. Menos de um mês depois, a Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (Alesp) foi ocupada por estudantes, que criticavam a situação do ensino no estado e pediam a abertura de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar a chamada “máfia da merenda”. Nessa ocupação, conforme foi divulgado em vídeo veiculado na página dos Jornalistas Livres no *Facebook*⁸, é possível observar os estudantes cantando uma das músicas de protesto dos Gaviões da Fiel⁹ – indicando-nos que a “voz” da torcida ecoou na ocupação da Alesp, ainda que esta tenha sido uma iniciativa dos estudantes.

Pública do Estado de São Paulo, Alexandre de Moraes, anunciou que todos os clássicos realizados em São Paulo contariam com apenas a presença dos torcedores mandantes até o fim do ano.

⁸ Disponível em: <<https://www.facebook.com/jornalistaslivres/videos/364348940355656/>>. Acesso em: 11 mai. 2016.

⁹ “Eu não roubo merenda/ Eu não sou deputado/ Eu trabalho todo dia/ Eu não roubo meu Estado.”



Futebol, ideologia e cultura de massa: repensando a perspectiva crítica

Mas se é possível escutar o aumento das vozes torcedoras dissidentes, como explicar, então, a reprodução contínua da ordem social futebolística? Aqui, arriscaria dizer que isto se deve mais à falta de participação efetiva no exercício do poder político do torcedor e das torcidas organizadas, em particular, do que propriamente ao potencial integrador do futebol. Conforme argumentei em trabalho anterior (LOPES, 2013), essas torcidas muito raramente são utilizadas como fontes de informação e reflexão nos meios de comunicação de massa e no processo de elaboração de políticas públicas para o espetáculo futebolístico. Este processo ocorre dentro de um universo assimétrico de poder, onde alguns grupos sociais possuem, de modo significativo e permanente, mais possibilidades de fazer valer suas opiniões e interesses. Por exemplo: participei uma vez de uma reunião de regulamentação do Estatuto de Defesa do Torcedor (EDT) na qual não havia nenhum representante de torcida presente.

Para agravar a situação, o universo das torcidas organizadas é historicamente marcado por rivalidades violentas, que as dividem e as desunem. No próprio protesto realizado no Vale do Anhangabaú, observei que, pouco antes do seu início, foram jogados do Viaduto do Chá (provavelmente por algum torcedor adversário) diversos panfletos com uma provocação aos Gaviões da Fiel. Inclusive, segundo o que foi noticiado, depois do protesto, houve um princípio de confusão, após um torcedor afirmar ter visto torcedores de uma torcida organizada rival. Não à toa, as falas das lideranças da organizada corintiana reforçaram, em diversas ocasiões, que o evento era pacífico e não deveria ser manchado por nenhum ato de violência. Em função dessa desunião histórica, considero fundamental o nascimento de entidades representativas de torcedores – como a Associação Nacional das Torcidas Organizadas do Brasil (Anatorg)¹⁰ – para unificar e fortalecer politicamente as torcidas de futebol, transformando-as em grupos capazes de intervir nos rumos do esporte. Intervenção necessária para que os interesses dos torcedores (especialmente do torcedor pobre) sejam incluídos na pauta das decisões políticas sobre o futebol.

3 Repensando o declínio do indivíduo-torcedor

Da ideia de que as sociedades atuais são profundamente coesas, interligando as pessoas de diversas maneiras, deduz-se a noção de declínio do indivíduo. De acordo com

¹⁰ Fundada em 2014.



Felipe Tavares Paes Lopes

Thompson (2000), nas explicações de Adorno e Horkheimer, os indivíduos foram progressivamente absorvidos numa totalidade social que não faz concessão à ideia tradicional de individualidade, que enfatiza a espontaneidade, a autonomia e singularidade do ser humano. Ao invés disto, os indivíduos teriam ficado mais dependentes das forças sociais e econômicas, que não podem controlar. Assim, teriam perdido a capacidade de pensar criticamente e de querer lutar por uma ordem social alternativa, integrando-se tão fortemente na ordem social vigente que sua espontaneidade, autonomia e singularidade teriam sido virtualmente eliminadas. Neste contexto, os produtos da indústria cultural contribuiriam “[...] para esta integração ao legitimar a ordem existente e fornecer ídolos populares que possibilitam às massas experimentar vicariamente os resíduos de individualidade que na prática lhes é negada” (THOMPSON, 2000, p. 142).

A imprensa esportiva teria aqui um papel fundamental na construção de mitos e ídolos esportivos destinados ao consumo passivo das massas. A grande maioria dos programas televisivos e radiofônicos define o futebol como mero meio de entretenimento e diversão, desviando a atenção do espectador de questões importantes. Por exemplo: muito raramente (para não dizer nunca) assistimos a debates sobre as (péssimas) condições de trabalho da grande maioria dos jogadores brasileiros. Ou ainda, sobre as dificuldades do torcedor para voltar para casa nos jogos das 22h00. A indústria cultural vende o futebol e, conseqüentemente, não pode chocar ou perturbar seu público consumidor. Prova disto é que as mesas redondas sobre o esporte tendem a não tocar em nada de importante. Erros de arbitragem, por exemplo, são discutidos até à exaustão. Além disso, fofocas sobre contratações e sobre a vida pessoal dos jogadores muitas vezes dão a tônica das notícias. No afã de dar “furos”, a imprensa esportiva também cria constantemente fatos novos. Assim, sua recepção adequada exige rapidez de percepção do espectador, “se ele não quiser perder os fatos que se desenrolam à sua frente” (CHAUI, 2014, p. 145). Conseqüentemente, seguindo a linha de raciocínio de Adorno e Horkheimer, o espectador teria suas faculdades mentais paralisadas e a sua imaginação e capacidade de pensar, atrofiadas.

No entanto, afastando-se da ideia de declínio do indivíduo, Thompson (2000, p. 121) argumenta que as pessoas possuem certa capacidade de se distanciar “[...] dos processos sociais aos quais estão sujeitas, de refletir sobre esses processos, de criticá-los, contestá-los, ridicularizá-los e, em certas circunstâncias, rejeitá-los”. Conforme notei no tópico anterior, no



Futebol, ideologia e cultura de massa: repensando a perspectiva crítica

universo das torcidas de futebol, existem diversos exemplos de movimentos de resistência de torcedores. No entanto, será que esses movimentos são mesmo suficientes para colocar em xeque a ideia de que o torcedor é um indivíduo heterônomo? Não seria o caso de estar lhe conferindo demasiado poder e capacidade de pensamento crítico e independente? Afinal, a maior parte deles simplesmente parece ser indiferente ou, até mesmo, apoiar o *status quo* do futebol. Por exemplo, como foi noticiado, em jogo válido pelo Campeonato Brasileiro de 2015, quando a torcida organizada Mancha Alviverde, do Palmeiras, optou por permanecer em silêncio durante os noventa minutos do jogo como uma forma de protesto contra o aumento dos ingressos, torcedores localizados em outros setores do estádio se viraram contra a organizada e passaram a ofender seus integrantes.

Evidentemente que diversos torcedores estão integrados na ordem social, apoiando práticas e medidas que sustentam relações de dominação, até mesmo porque parte deles é integrante das frações da classe dominante. Não à toa, muitas das vaías à Mancha Alviverde vieram dos setores mais caro do estádio. Mas não isso não quer dizer, de forma alguma, que não haja, no futebol, um espaço significativo para a reflexão, para a crítica e para a discórdia. Por exemplo: em meus estudos de campo no Estádio da Javari, do Juventus, observei muitas críticas ao *status quo* futebolístico e à ordem social mais ampla. Em um dos jogos em que estive presente, uma das principais torcidas do clube, o Setor 2, levou faixas contra a corrupção na FPF e contra a “máfia da merenda”. Faixas que foram retiradas pela Polícia Militar, sob o argumento de que elas não haviam passado pela revista na entrada. Também escutei “gritos de guerra” contra o “futebol moderno” e muitas músicas de amor à Mooca e de exaltação da classe trabalhadora¹¹.

Diante do exposto, é preciso destacar que o processo de recepção dos produtos da indústria cultural, como o futebol, é altamente complexo e “[...] envolve uma atividade contínua de interpretação e a assimilação de conteúdo significativo pelas características de um passado socialmente estruturado de indivíduos e grupos particulares” (THOMPSON, 2000, p. 39). Consequentemente, não é possível derivar as consequências do futebol nas atitudes e nos comportamentos dos torcedores da própria estrutura do jogo, como parecem fazer algumas

¹¹ Tais como: “Mooca, Mooca, Mooca/ Esse é o bairro em que vou morrer/ Na Javari, vamos meu Juventus/Não podemos perder, temos que ganhar/ Essa é a família que vem te alentar/ está a todo lado pra te ver jogar/ O sangue operário nunca irá secar, a resistência não desistirá!”



Felipe Tavares Paes Lopes

críticas de orientação frankfurtianas, como a referente à função ideológica do postulado de igualdade de chances no esporte – que prevê que

a igualdade formal de chances da estrutura esportiva aponta para a presumível existência de uma correspondente forma de sociedade. Tal ideia nega a fundamental desigualdade de chances inerentes à sociedade capitalista e eleva o princípio esportivo da igualdade de chances a um princípio geral da sociedade (BRACHT, 2011, p. 39).

Seguindo as análises de Thompson (2000), considero, portanto, fundamental que os estudos sobre futebol não percam de vista que seu processo de recepção/consumo é um processo ativo e potencialmente crítico e que, por esta razão, é preciso entender o significado que o futebol possui em contextos sociais específicos, bem como o significado que a própria atividade de recepção/consumo desse esporte possui nesses contextos. Para tanto, podemos empregar uma série de tipos de pesquisa, como a etnográfica. Certamente, somente através desse entendimento poderemos ter maior clareza sobre as consequências do futebol no que se refere às relações de poder em contextos sociais concretos e, conseqüentemente, compreender em que medida e como ele ajuda a manter ou, inversamente, minar relações de dominação nesses contextos.

4 Repensando o papel e os modos de operação da ideologia no futebol

Além de considerar que as sociedades contemporâneas não são tão coesas quanto as análises de Adorno, Horkheimer e Althusser parecem supor, Thompson (2000) chama a atenção para o fato de que, nessas sociedades, existem relações de poder que são sistematicamente assimétricas e que estão baseadas em fatores diferentes dos de classe. Ao comentar a noção de aparelhos ideológicos de Estado, o autor critica, entre outras coisas, o enfoque reducionista de Althusser em relação à ideologia. Embora considere que ele enfatize a complexidade do campo ideológico, Thompson observa que suas análises são guiadas pelo pressuposto de que, em última instância, a ideologia consegue garantir a coesão e a reprodução da ordem social baseada na exploração de classe. Ainda que essas relações sejam de grande importância para análise da ideologia, seria, na sua perspectiva, um erro defender que “[...] as relações de classe são *a única*, ou, em todas as circunstâncias, *a principal*,



Futebol, ideologia e cultura de massa: repensando a perspectiva crítica

característica estrutural dos contextos sociais com referências aos a análise da ideologia deve ser feita” (p. 127, grifos do autor).

Esta crítica parece bastante profícua para a análise do universo do futebol, onde outras formas de dominação e subordinação são eixos destacados da exploração e desigualdade social. Em tal universo, a dominação de classe desempenha sim um papel importante, mas outras formas de conflitos parecem igualmente importantes, não devendo receber um *status* analítico inferior. Por exemplo, o futebol feminino tem sido sistematicamente deixado de lado pela televisão, patrocinadores, clubes e federações e ainda escutamos, com muita frequência, gritos e canções sexistas e homofóbicos vindos de todos os setores dos estádios. Em meus estudos de campo na Arena Corinthians, por exemplo, escutei, inúmeras vezes, o grito de “bicha” para o goleiro adversário no momento da reposição de bola¹². O racismo também é um problema recorrente. Lamentavelmente, ainda são raros os casos de negros que ocupam cargos diretivos nos clubes e federações, bem como ainda são comuns as provocações e as ofensas dirigidas a jogadores negros – especialmente em algumas partes da Europa.

Até mesmo a relação habitualmente estabelecida de alguns fenômenos com a questão de classe merece ser problematizada. Por exemplo, para se compreender a violência no futebol, não se pode perder de vista o ideal de masculinidade que permeia o universo das torcidas. Ao estudar os conflitos no futebol argentino, José Garriga Zucal (2010) demonstra que a violência protagonizada por torcedores não é apenas uma forma de inseri-los numa rede de favores e de fazê-los ganhar dinheiro, mas principalmente uma maneira de inseri-los numa comunidade moral, que tem como seu principal valor e princípio orientador um modelo de “masculinidade agressiva” que diz que é preciso aguentar a dor e as adversidades (*hay que tener aguante*, como dizem os nativos). Em outras palavras, a questão de gênero aqui é fundamental. Não à toa, para o autor, reduzir a violência das torcidas unicamente a uma questão de classe (aos setores “rudes” da classe trabalhadora, no caso) é, ao mesmo tempo, enganoso empiricamente, pois a composição social desses torcedores é mais heterogênea do que habitualmente se imagina, e funcional politicamente, pois ajuda a estigmatizar ainda mais a juventude pobre, autorizando a adoção de políticas repressivas e de controle dirigidas a esse público específico.

¹² Este é a tradução do grito de “puto”, original das torcidas mexicanas.



Felipe Tavares Paes Lopes

A fim de não reduzir a ideologia a uma questão de classe, Thompson (2000) propõe uma definição relativamente ampla, compreendendo-a como o “sentido a serviço da dominação”, entendendo por dominação relações de poder que são sistematicamente assimétricas. Nas suas palavras, uma situação pode ser descrita como de dominação “[...] quando grupos particulares de agentes possuem poder de uma maneira permanente, e em grau significativo, permanecendo inacessível a outros agentes, ou a grupos de agentes, independentemente da base sobre a qual tal exclusão é levada a efeito” (p. 80). Ao mesmo tempo em que não reduz a ideologia à uma questão de classe, Thompson combate a neutralização do termo, que tenta caracterizar a ideologia como um aspecto da vida social entre outros, não sendo nem mais nem menos atraente ou problemático. Ao contrário, sua análise interessa-se pelas maneiras como as formas simbólicas se entrecruzam com diferentes tipos de relações de dominação.

A conceituação de ideologia proposta por Thompson (2000) enquadra-se naquelas que ele denominou de concepções críticas da ideologia, que atribuem aos fenômenos ideológicos um sentido negativo ou pejorativo. Concepções que foram desenvolvidas inicialmente por autores como Napoleão, Marx e Karl Mannheim¹³. Na sua proposta, nenhuma forma simbólica é ideológica ou contestatória em si mesma: se ela é ideológica ou contestatória, e o quanto o é, isto depende da maneira como é usada e entendida em contextos sociais específicos. Por esta razão, esse enfoque pode levar um analista a interpretar uma forma simbólica como sendo ideológica em um determinado contexto e como sendo subversiva em outro. Mais ainda, pode levá-lo a considerar uma mesma forma simbólica como ideológica sob certos aspectos e como contestatória sob outros (THOMPSON, 2000).

Este ponto é particularmente importante para a análise do futebol, pois abre a possibilidade de o analista interpretar tanto o potencial ideológico quanto o subversivo de seus diversos usos sociais (RINALDI, 2000). Em episódios como a Copa do Mundo de 1970, ele foi utilizado para unificar a população e obscurecer a violência e o horror. Em outros episódios, todavia, o futebol parece ter contribuído para desafiar os grupos dominantes e viabilizar a crítica. Por exemplo, na ditadura do general Francisco Franco, na Espanha, o

¹³ De acordo com Thompson (2000), Mannheim possui duas formulações de ideologia: uma crítica e outra neutra.



Futebol, ideologia e cultura de massa: repensando a perspectiva crítica

estádio Camp Nou, do Barcelona, serviu como um espaço de protesto contra o regime e virou um símbolo da luta pela liberdade e pelo reconhecimento da cultura catalã.

Além de complexificar a análise das relações entre cultura e poder, essa definição retira o peso epistemológico que tradicionalmente tem sido colocado sobre a ideologia, uma vez que ela não diz nada sobre a questão do conhecimento. Para Thompson (2000, p. 76),

não é essencial que as formas simbólicas sejam errôneas e ilusórias para que elas sejam ideológicas. Elas podem ser errôneas e ilusórias. De fato, em alguns casos, a ideologia pode operar através do ocultamento e do mascaramento das relações sociais, através do obscurecimento ou da falsa interpretação das situações; mas essas são possibilidades contingentes, e não características necessárias da ideologia como tal.

Ao colocar a ilusão apenas como uma possibilidade contingente, Thompson (2000) abre a possibilidade de se realizar leituras focadas na questão da dominação, mas descomprometidas com uma epistemologia realista. Um dos problemas dos estudos que assumem uma perspectiva crítica do futebol é justamente esse comprometimento, ou seja, o fato de eles pressuporem “estar a salvo” de seus efeitos alienantes, como diria Lovisolo (2011). Mais exatamente, de acharem que seu olhar apurado consegue captar a luz que vem de “fora da caverna”, atingindo a essência ou a realidade do fenômeno futebolístico em sua plenitude. Recordemos aqui que, na perspectiva de Ramos (1984), por exemplo, o futebol mistifica a realidade.

Ao colocar a ilusão apenas como uma possibilidade contingente, Thompson (2000) também abre a oportunidade para a análise de outros modos de operação da ideologia além da dissimulação. Afinal, seguindo sua perspectiva, pode até ser que o futebol, em alguns momentos, opere enganando, no entanto, de modo algum, devemos tomar a ilusão como a única forma de ele servir à dominação. Ele pode operar também unificando – como quando ajuda a “cimentar” as relações sociais – legitimando, reificando, fragmentando etc. Inclusive, uma das formas de ele manter o *status quo* parece ser justamente segmentando as forças de resistência através da divergência clubística. A violência, neste contexto, é sintomática: conforme já sugeri, ela desune as torcidas e dificulta sua constituição em um desafio efetivo aos grupos dominantes, enfraquecendo sua luta contra a elitização e pasteurização do futebol.



5 Considerações finais

Neste texto, busquei repensar as análises sobre o espetáculo futebolístico inspiradas nas obras de Althusser, Adorno e Horkheimer a partir das reflexões feitas por Thompson (2000) sobre esses autores. Apesar de apresentarem algumas limitações para o estudo de tal espetáculo, essas análises acertam em não perder de vista a questão do poder. Como já foi dito, nas últimas décadas, interpretações bastante originais sobre o futebol têm focado outros aspectos do esporte, como, por exemplo, a formação de identidade e a construção de estilos de jogo e de torcer. Sem dúvida, trata-se de aspectos muito importantes e que merecem ser amplamente discutidos e analisados pelo campo científico, mas não podemos perder de vista que essa formação e essa construção ocorrem em espaços estruturados em relações sociais sistematicamente assimétricas. Afinal, caso fiquemos cegos para as desigualdades presentes no universo do futebol, estaremos, mais uma vez, produzindo um conhecimento a serviço do *status quo*. Ao defender a relevância da crítica às relações de dominação no futebol, não estou sugerindo que os problemas ligados a essas relações sejam os únicos dignos de serem abordados, mas apenas que, como diria Thompson (2000), descartá-los, tratando-os como um resíduo do passado, é demasiadamente prematuro.

Referências

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado (notas para uma investigação). In: ZIZEK, Slavoj (Org.). **Um mapa da ideologia**. 5 ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013, p. 105-142.

AZEVEDO, Aldo Antonio de. Cultura, ideologia e tradições: cenários da cultura do futebol no Brasil. Anais do XXVII Encontro Anual da Anpocs. Disponível em: <http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=4162&Itemid=316>. Acesso em: 11 mai. 2016.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 4 ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

CHAUÍ, Marilena. **A ideologia da competência**. São Paulo: Editora Autêntica, Fundação Perseu Abramo, 2014.



Futebol, ideologia e cultura de massa: repensando a perspectiva crítica

COHN, Gabriel. Indústria cultural como conceito multidimensional. In: BACCEGA, Maria Aparecida (Org.). **Comunicação e culturas do consumo**. São Paulo: Atlas, 2008, p. 65-78.

MARQUES, José Carlos. A “criança difícil do século” – algumas configurações do esporte no velho e no novo milênio. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, vol. 08, n. 21, p. 93-114, 2011.

NUMERATO, Dino. Who says “No to Modern Football?” Italian Supporters, Reflexivity, and Neo-Liberalism. **Journal of Sport and Social Issues**, p. 1-19, 2014.

HELAL, Ronaldo. Futebol e comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, vol. 08, n. 21, p. 11-38, 2011.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. A indústria cultural: o Iluminismo como mistificação de massa. In: Lima, Luiz Costa (Org.). **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011, p. 179-238.

LALLEMENT, Michel. **História das ideias sociológicas: de Parsons aos contemporâneos**. 3 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

LOPES, Felipe Tavares Paes. Futebol e poder: reflexões sobre a tese do “ópio do povo”. **Revista Espaço Ética: Educação, Gestão e Consumo**. São Paulo, n. 02, p. 136-144, 2014.

_____. Dimensões ideológicas do debate público acerca da violência no futebol brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, vol. 04, n. 27, p. 597-612, 2013.

LOVISOLO, Hugo. Sociologia do esporte (futebol): conversações argumentativas. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antônio Jorge. **Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011, p. 11-32.

RAMOS, Roberto. **Futebol: ideologia do poder**. Petrópolis: Vozes, 1984.

RINALDI, Wilson. Futebol: manifestação cultural e ideologização. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, vol. 11, n. 01, p. 167-172, 2000.

THOMPSON, John. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec, Fapesp, 2002.

VAZ, Alexandre Fernandez. **Esporte, cultura de massas: comentários segundo uma teoria crítica da sociedade**. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de et al. (Orgs.). **Olho no lance: ensaios sobre esporte e televisão**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013, p. 17-31.

ZUCAL, José Garriga. **Nosotros nos peleamos: violencia e identidad de una hinchada de fútbol**. Buenos Aires: Prometeu Libros, 2010.

tríade
comunicação, cultura e mídia



Felipe Tavares Paes Lopes

Artigo recebido em abril de 2016
E aprovado em junho de 2016